

CRESCCE O PLANTIO DE SERINGUEIRAS EM SÃO PAULO

O engenheiro agrônomo, Carlos Procópio Araújo Ferraz, 37 anos, ganha a vida acordando cedo e saindo a passeio com os dois filhos pequenos e sua mãe, Thereza Pimenta. O trabalho deles consiste em recolher sementes de seringueira na Fazenda Seringal Paulista, propriedade da família no distrito de Gavião Peixoto, em Araraquara, Norte de São Paulo. Ferraz e mais oito empregados colhem até três toneladas de sementes por dia da melhor qualidade de seringueiras plantadas no Estado e cada quilo alcança US\$ 1,20.

A produção da fazenda gira em torno de 30 toneladas por safra. Quando as sementes deixam de cair, ele se dedica à extração do látex, que vende a US\$ 3,00 o quilo, já transformado em borracha natural. O trabalho de Carlos e sua família, que rende o suficiente para manter a fazenda, com quatro mil pés de seringueiras plantadas, resulta de um sonho que começou em 1915, quando seu avô, o coronel José Procópio de Araújo Ferraz resolveu plantar mudas de seringueira da Amazônia em São Paulo. Na época, considerou-se louco o coronel Procópio, em razão das diferenças entre as condições climáticas das duas regiões.

SEMENTE POR CARTA

Resultado dessa idéia extravagante, o Estado tornou-se produtor de látex, de goma da borracha natural e de sementes. E desde o início muita coisa aconteceu com a cul-

tura em novas terras. Como consequência, em 1990, a produção paulista de seringueiras cultivadas igualou-se à da Amazônia. No próximo ano deverá revelar-se superior, o que permitirá ao Estado, em pouco tempo, a posição de maior produtor do País. Mais: espera-se que, em alguns anos, São Paulo supra toda a demanda nacional e talvez até o mercado externo.

Desde o sonho do coronel até os dias de hoje, muito látex já escorreu na história da borracha em São Paulo. Após anos de teimosia e iniciativa de alguns poucos produtores, a situação mudou. E dos 27 pés de seringueiras que conseguiram sobreviver na fazenda do coronel Procópio, milhares de mudas foram e continuam sendo distribuídas para todas as regiões do Estado, hoje com pouco mais de 11,2 milhões de pés plantados. Pouco mais de 1,5 milhão desse total encontram-se em fase de produção. Outros 9,6 milhões de pés novos começam a produzir em dois anos, o que transformará o Estado numa quase Amazônia.

A chegada das mudas a São Paulo é curiosa. Interessado na cultura, o coronel Procópio escreveu várias cartas com pedidos de sementes ao seu colega, o então coronel Rondon, que percorria a Amazônia em expedições. E, entre as remessas, compostas por alguns milhares de sementes enviadas para a fazenda em São Paulo, apenas 27 plantas germinaram. Ainda hoje essas seringueiras sobrevivem



na Seringal Paulista. Tratadas com carinho especial, elas são consideradas as primeiras árvores plantadas no Estado e responsáveis pelas 67 seringueiras, que deram origem a todo o cultivo paulista.

DE PAI PARA FILHO

Cerca de 20 anos após o início do plantio na Fazenda Santa Sofia, como então se chamava a fazenda, hoje dividida entre os herdeiros do coronel Procópio e com nova denominação, o governo tentou a retomada da cultura. Isso aconteceu com a eclosão da Segunda Guerra, que impossibilitou os países fornecedores de distribuir borracha. Em 1939, o Ministério da Agricultura criou um serviço para estudo e desenvolvimento da "Hevea Brasiliensis" na Fazenda Santa Sofia. Mas o projeto, sem o incentivo necessário, falhou. Um ano depois, a Secretaria da Agricultura de São Paulo interessou-se pela questão da borracha, em razão dos bons resultados obtidos na fazenda do coronel, quando os técnicos optaram por um convênio para estudar melhor o plantio.

As informações, no entanto, foram repassadas pelo velho e cansado coronel a seu filho Cyro Procópio, que continuou a acreditar na seringueira paulista e jamais deixou de enviar sementes e mudas para todo interior de São Paulo e para outros Estados. Cyro aposentou-se, mas seu filho, Carlos Procópio, formado em agronomia, desenvolve novas técnicas para acondicionar as sementes e mudas e, assim, permitir o plantio mesmo depois de vencidos os 30 dias da colheita, período que garante a germinação das mudas. Ele obtém bons resultados com seus experimentos e a Fazenda Se-

ringal Paulista tem reconhecimento em todo o Brasil.

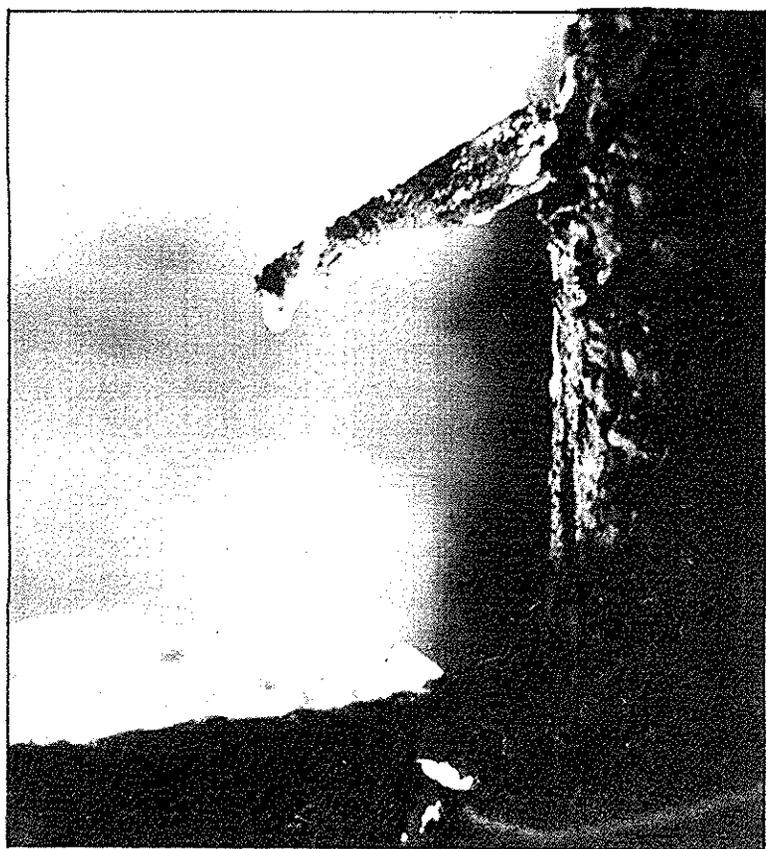
FUNGO NÃO SOBREVIVE

Segundo Carlos, "a maioria dos produtores faz enxerto nas plantas, o que altera a qualidade das sementes. Nós não adotamos essa técnica. Distribuímos sementes das primeiras árvores plantadas por meu avô, que se mostraram muito mais resistentes. As sementes têm 90% de índice de germinação." As experiências de Carlos permitem hoje que a comercialização e plantio se estendam ao longo do ano e não apenas entre março e abril, época em que os frutos se abrem e soltam as sementes. O produtor conseguiu também que o período de germinação em São Paulo aumentasse. Plantadas logo após a colheita, as sementes começavam a germinar bem perto do início do inverno, quando as mudas ainda eram pequenas, o que retardava o crescimento.

Essa luta pelo aumento do cultivo da borracha em São Paulo transformou a Fazenda Seringal Paulista na melhor produtora do País, como a classificou Ângelo Artur Martinez, agrônomo da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), órgão da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, em Campinas. Ele justifica a afirmação, quando garante que o Estado não sofre o mal-das-folhas, doença ocasionada por fungo, que ataca as folhas na época das mudas e mata a planta. Em São Paulo, a troca das folhas acontece em setembro, época de pouca umidade. O fungo precisa de aproximadamente 98% de umidade para sobreviver e penetrar nas folhas novas. Como não há umidade nesse índice no Estado, o fungo morre antes de agir.

Dentro de dois anos o Brasil deverá livrar-se da importação de borracha porque, nesse período, entrarão em produção cerca de onze milhões de seringueiras plantadas no Estado de São Paulo. Hoje a demanda é estimada em 115 mil toneladas anuais e a produção interna cobre apenas 30% das necessidades. Os especialistas dizem que, em termos mundiais, o consumo de borracha natural deverá quadruplicar nos próximos anos. Entusiasmados com essa perspectiva, Carlos Procópio Araújo Ferraz, da Fazenda Seringal Paulista, pioneira no plantio da cultura, e Ruy Novaes, considerado o Rei da Borracha paulista, investem no setor.

Reportagem de Jorge Licurci e fotos de Epitácio Pessoa.



O quilo de látex vale US\$ 3,00 e o quilo de semente US\$ 1,20

FALTA DE MÃO-DE-OBRA

Os fatores climáticos favoráveis e a boa rentabilidade da cultura têm incentivado o cultivo da planta nas fazendas paulistas. A perspectiva de mercado certo num futuro próximo também contribui para atrair produtores. Carlos afirma, porém, que o País produz apenas 35 mil toneladas de borracha seca por ano, menos do que produzia em 1907, quando somou 38 mil toneladas por ano. "O que conseguimos hoje significa apenas 1% da produção mundial, enquanto o Sudeste Asiático mantém 92% da produção. O Brasil consome 115 mil toneladas de borracha por ano e importa 70% desse total."

No entanto, o futuro deve reverter essa situação, pois em todas as regiões do Estado de São Paulo há seringais em produção ou pés novos, que logo produzirão. Segundo levantamentos da Secretaria da Agricultura e Abastecimento de São Paulo, a região de São José do Rio Preto forma o pólo produtor do Estado, ao responder por 50% de todo o látex obtido nas fazendas paulistas.

Pelos números da secretaria, São Paulo tem quase 10 milhões de novas árvores que começam a fornecer o látex dentro de dois anos. Hoje, há quase 1,6 milhão seringueiras com produção geral de 9,6 milhões de litros por ano. Com esse leite, São Paulo produz três milhões de quilos de borracha seca, o que representa 10% da produção nacional. Ao contabilizar os números, o agrônomo Martinez se mostra atento à falta de mão-de-obra, quando as novas árvores começarem a produzir. Por isso, iniciou contatos com escolas de agronomia, produtores e empresas, para conscientizar todos da necessidade da formação de profissionais na área.

BOA REMUNERAÇÃO

Segundo ele, o agricultor espera sete anos para a árvore produzir e não pode entregar a colheita a pessoas despreparadas. Sensível, ao sofrer o corte ou sangria mal feita, a planta pode ter comprometida toda sua produção e, até mesmo, morrer. Pelos cálculos do técnico, cerca de seis milhões de novas árvores começam a produzir em dois anos, no máximo. Ele explica que, para sangrar de maneira correta a árvore, o seringueiro precisa enxergar bem, pois o talho para

a passagem do látex é milimétrico. As mãos devem ser firmes para não perfurar o caule com profundidade, o que provoca doenças nas árvores e estanca a produção.

O interesse transformou Martinez também em personagem da história da borracha em São Paulo. Há 15 anos, quando os fazendeiros ainda não cultivavam seringueiras, ele percorreu o interior para incentivar o plantio, como uma espécie de coronel Procópio dos anos 70. Entusiasta da planta, defende a criação de um Centro Nacional de Pesquisa da Borracha, para desenvolvimento de pesquisas, novas variedades e formação de mão-de-obra no Estado.

Ele explica que um bom seringueiro cuida de até 450 árvores num dia. O trabalho revela-se entre os melhores em remuneração na lavoura, já que ultrapassa o equivalente a dois salários mínimos, e ainda permite prêmios em dinheiro pela produção. Mas o seringueiro deve acordar bem cedo, pois na parte da manhã, quando a temperatura está mais baixa e a pressão nos caules das árvores mostra-se maior, o látex escorre em maior quantidade.

FÉRIAS DO SERINGUEIRO

Uma plantação tem em média mil árvores por hectare. O seringueiro sangra as árvores em dias alternados, para que cada planta descanse pelo menos um dia. Alguns produtores, com maior número de árvores, alternam em até três dias o corte por árvore. O trabalho obedece uma rotina que começa com a troca de uma canequinha, permanentemente presa na árvore, que recebe o látex expelido durante a noite; quase sempre em pouca quantidade, mas aproveitável. Trocada a caneca, o seringueiro tira o látex seco, a goma fina que fica no corte. Em seguida, estimula o mesmo corte com produtos químicos apropriados, que de certa forma puxam o látex.

Se o corte estiver cansado, convém fazer outro. Aí, colocada a caneca limpa, o seringueiro segue para a próxima árvore e assim até que, próximo do meio dia, com sol quente, a árvore pára de produzir. Quando o tempo esquenta, o seringueiro volta recolhendo o leite nas canecas e despeja em latões. Esses latões seguem para a



A coleta de sementes começa cedo e rende 3 toneladas por dia

usina, onde o leite se transforma em borracha. O látex pára de produzir apenas uma vez por ano, em setembro, quando as plantas trocam as folhas. Isso garante as férias do trabalhador.

QUEBRA DE PREÇOS

Na Fazenda Seringal Paulista, Carlos paga dois salá-

rios pela extração do látex e prêmios para melhor produção, menor consumo de casca, uniformidade de corte e tratamento às árvores. Os funcionários que trabalham na colheita da semente ganham Crs 30,00 por quilo. Cada seringueiro colhe até 130 quilos num dia, o que garante rendimento diário de Crs 3,9 mil ou

quase Crs 120 mil no mês. Carlos mantém uma escola na fazenda. Algumas árvores mais antigas que produzem pouco, servem para formar mão-de-obra. O agrônomo afirma que basta uma semana para aprender o serviço e dois meses de experiência para um seringueiro considerar-se profissional.

Ruy Novaes é o Rei da Borracha

Os seringalistas de São Paulo costumam apontar Ruy Novaes, fazendeiro e ex-prefeito de Campinas, para muitos o rei da borracha paulista, como exemplo de que a borracha transformou-se no melhor negócio para a agricultura na atualidade. Novaes vive e trabalha no município de José Bonifácio, onde planta seringueiras e mantém uma usina de beneficiamento. Ele conta que começou a cultivar seringueiras "por acaso e iluminado por Deus."

Até 1974, Novaes plantava café, laranja e milho em 1.200 hectares de terras que tinha na região e no Paraná. Chegou a plantar um milhão de pés de café, mas a quebra nos preços obrigou-o a vender metade das fazendas. Um dos maiores fornecedores de mudas para a Dira de Rio Preto, o produtor, a pedido dos técnicos, integrou o programa de produção de mudas de seringueiras.

PEQUENA AMAZÔNIA

Ele não entendia, nem acreditava muito no negócio, mas não podia recusar o pedido dos técnicos. E com a baixa no café, pensou em mudar de ati-

vidade. Observou a planta, acompanhou o mercado da borracha, o aumento do consumo do produto no País e as vendas para o mercado externo. "Com maiores informações descobri que havia plantado a solução para meus problemas. A Secretaria da Agricultura havia encomendado 80 mil mudas da minha produção. Resolvi comprar todo o lote e comecei o plantio em 1975. Apenas na fazenda em José Bonifácio, por exemplo, arranquei 420 mil pés de café para plantar seringueiras."

Sete anos depois, logo na primeira colheita de látex, o produtor percebeu que acertara. E hoje ainda planta. Sua fazenda tem 180 mil pés de seringueiras e ele também compra o que 140 pequenos proprietários extraem na região. Produz 200 toneladas de borracha pura por mês, que beneficia. Hoje, aumenta a área de plantio e a capacidade da usina, para beneficiar 800 toneladas por mês de látex, que sairão de José Bonifácio transformados em grandes blocos de borracha para as indústrias.

Em pouco tempo, o quase falido fazendeiro observou

prosperidade nos 550 hectares que restaram, a metade do que tinha há 20 anos. Animado, substituiu o que restava da plantação de grãos na fazenda por mudas de seringueiras, forma viveiros e vende sementes. E pretende transformar toda a área numa pequena Amazônia. Defensor da cultura aponta como vantagem para os produtores paulistas o fato de as grandes empresas plantarem longe.

AUMENTA O CONSUMO

"A Pirelli, por exemplo, tem um grande seringal no Acre, onde só é possível chegar de barco. Já São Paulo abriga as maiores indústrias e boas estradas. Logo, o preço final sempre será menor." Afirma ainda que o Sudeste Asiático sofre pressões para diminuir os preços e a produção naquela região apresenta baixas. Por outro lado, as pesquisas indicam que o consumo mundial de borracha, cerca de um quilo per capita hoje, subirá para cinco quilos, em razão das mudanças provocadas no Leste Europeu, o que deve abrir novos mercados".

BRASIL Rural

TODOS OS DOMINGOS
ÀS 10:00h DA MANHÃ



Rede Record

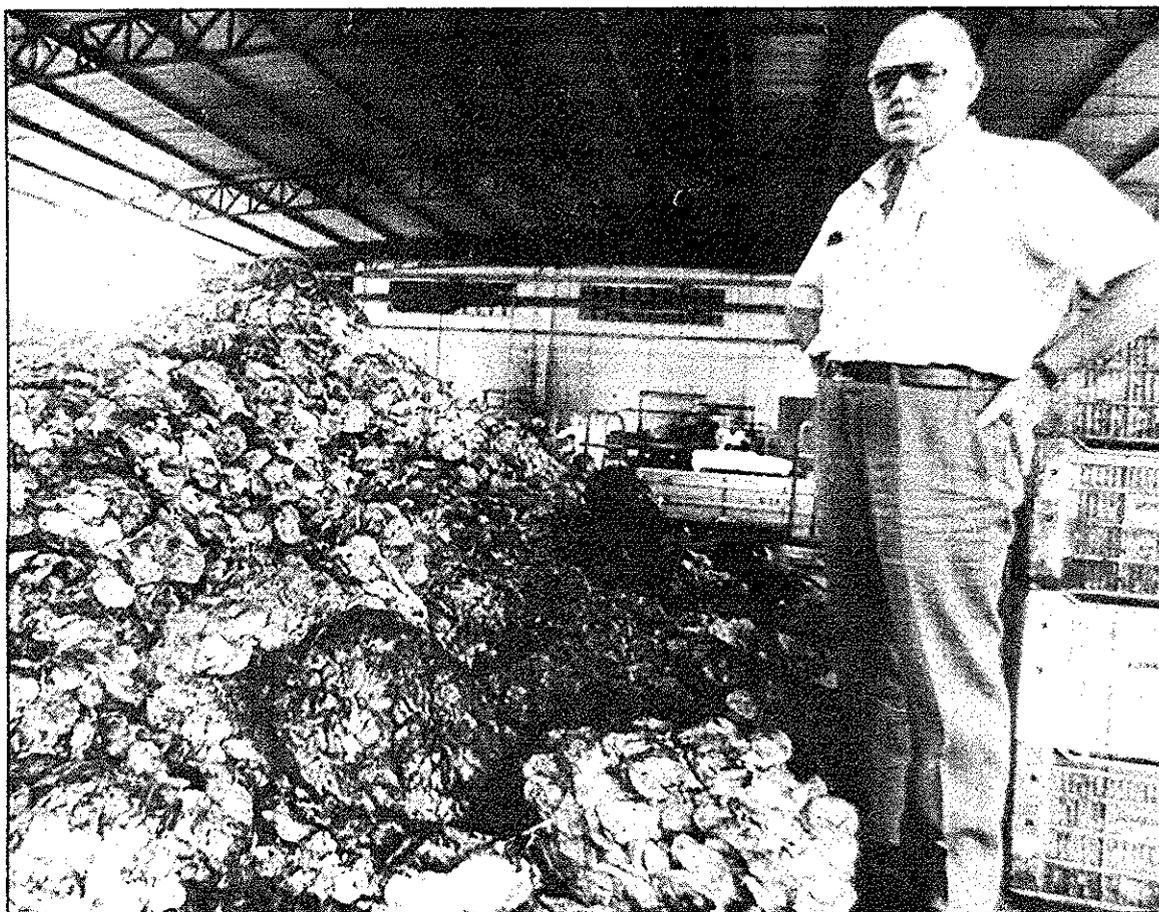
Novas plantações fracassaram com distorção ao Probor

Com o incremento dos negócios, Novaes reformou e distribuiu 90 casas na fazenda, para moradia dos colonos. As mulheres compõem mais de 70% dos trabalhadores na colheita do látex, em razão da delicadeza no trato com as árvores. E os homens trabalham nas usinas, responsáveis pelo processamento da borracha. Após a colheita do látex, Novaes produz três tipos de borracha: crepe claro, usado na fabricação de bandagem, fitas adesivas, solas etc.; crepe escuro, com toda produção vendida para a indústria de pneus e autopeças; e látex líquido, para a produção de luvas cirúrgicas, cola, preservativos etc.

Ele vende cada quilo desse material a Crs 85,00, já transformado em borracha, enquanto o látex líquido custa Crs 127,00 para a indústria, com produção de 200 toneladas por mês. Hoje, Novaes mantém o bom humor por saber que o gasto de produção, comparado com outras culturas, mostra-se baixo, enquanto o lucro varia de 60 a 70% da produção da usina.

DESINTEGRAÇÃO

Segundo o produtor, "desde que o País perdeu a corrida da borracha, o governo tenta criar diversos programas e planos para recuperar a condição de produtor mundialmente conhecido." Entre 1838 e 1912, o Brasil respondia pela extração de 550 mil toneladas anuais e abastecia o mercado mundial. Em 1876, os ingleses levaram sementes de seringueira, sem o consentimento do governo brasileiro, para o Sudeste Asiático. Em 12 anos, as plantações da Ásia ultrapassaram o volume de 40 mil



Novaes compra a produção dos vizinhos e beneficia 200 t de borracha

toneladas. E atingiram um milhão de toneladas em pouco mais de 30 anos.

O Brasil, vencido pela concorrência estrangeira, verificou a desintegração da economia amazônica. Em 1913, a produção brasileira representava 67% da produção asiática. No ano seguinte, baixou para 44%. Em 1930, representava 2% da produção oriental e, sete anos depois, apenas 1%. A Ásia alcançou e ultrapassou o Brasil em produção, embora mantivesse o equivalente a apenas 2% do território do Estado do Amazonas como área plantada.

Mas a tentativa do governo em revitalizar a cultura com a aprovação de inúmeros pro-

jetos falhou, mas não por culpa dos agricultores. Desde o furto dos ingleses, ocorrido durante a Segunda Guerra, entre os anos 40 e 50, muito se falou em incrementar o plantio da seringueira, em especial no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Na prática, porém, sem o investimento de produtores, poucas árvores teriam sido plantadas.

FRACASSO DO PROBOR

Em 1951 houve um escândalo na imprensa, pois, pela primeira vez, o Brasil importou borracha para atender os pedidos da indústria de pneus, que crescia 16% ao ano, enquanto a produção nacional despenhava na mesma porcentagem. Por isso, um batalhão de fotógrafos e repórteres passou dias no Porto de Santos, em São Paulo, durante maio daquele ano, até que atracou um navio vindo da Malásia, com carregamento de 400 toneladas de borracha. A carga era o resultado das experiências inglesas na Ásia. Até hoje navios continuam descarregando borracha em Santos.

Na década de 70, o governo militar anunciou a solução do problema. Em 17 de junho de 1972, o presidente Emílio G. Médici criava por decreto o Programa Nacional da Borracha (Probor). Como objetivo, pretendia-se atingir a auto-suficiência no suprimento de borracha natural em 1992 e, atingir dois anos depois, produção de 130 mil toneladas; para demanda projetada de 114 mil toneladas por ano. Falta ainda um ano para 1992, mas jamais, nem com outro decreto, o País atingirá a meta inicial. A produção estanca em 35 mil toneladas por ano, enquanto a demanda sobe para 115 mil toneladas por ano.

Em 1986, já se anunciava o

fracasso do Probor. Técnicos do Ministério da Agricultura concluíram que o programa fracassou por falta de tradição, deficiência na prestação de assistência técnica e defasagem na alocação de recursos. Estes recursos mal alocados representavam na época Crs 1,7 bilhão. O agrônomo Carlos Procópio tem sua própria versão para a história.

ABUSO NO EMPRÉSTIMO

Ele conta que naquela época "muita gente comprou sementes com interesse apenas na nota fiscal. Muitos chegaram a dizer que eu nem precisava mandar as sementes, bastava emitir a nota para poder tirar o financiamento. Outra pessoa disse para minha mãe que nossas sementes eram milagrosas, pois plantava-se tudo nas praias do Rio de Janeiro, onde floresciam belos apartamentos à beira-mar."

Carlos garante que há mais de 40 anos distribui e vende cerca de 30 toneladas de sementes por ano. Cada quilo tem 250 sementes. Se tudo ou pelo menos a metade do que já vendeu tivesse sido plantado, o País seria auto-suficiente. Na criação do Probor, o governo abriu o leque e o coração. Quem quisesse plantar, obtinha o empréstimo com facilidade. Havia carência de oito anos para o início do pagamento da dívida, quando as árvores entrassem em produção. Além disso, o produtor pagaria apenas 10% da dívida por ano e sem correção. Foi uma borracha nos cofres públicos.

RECUSA AO EMPRÉSTIMO

Novaes também recorda a situação de plantio de borracha no governo Figueiredo. O Brasil pediu US\$ 300 milhões aos Estados Unidos, para incentivar o plantio e a pesquisa. Técnicos do Banco Mundial visitaram o País e con-

cluíram pelo investimento, mas com a exigência de que o dinheiro não fosse aplicado no Norte e Nordeste, onde as doenças prejudicam o plantio. Já havia comprovação de que a planta apresentava melhor desenvolvimento nos Estados do Centro-Oeste e Sudeste. "Os políticos da época recusaram o empréstimo dos Estados Unidos. Eles queriam colocar o dinheiro onde bem entendessem", lembra ele.

Na opinião de Percy Putz, presidente do Sindicato das Indústrias de Artefatos de Borracha, chegou a hora da virada. "No ano passado, a produção da borracha plantada no País alcançou 16 mil toneladas, o que representa a metade da produção nacional. Estou confiante que São Paulo, mais uma vez, será a saída para o País neste setor."

Putz afirma que São Paulo tem cerca de 28 mil hectares de borracha plantados e precisa de mais 200 mil para atingir a produção ideal. Ele reconhece que não há mais fazendas com áreas tão grandes no Estado, mas lembra que, pequenos produtores, se auxiliados, podem colaborar bastante. "Temos ainda muita terra ociosa que pertence aos municípios. Com o plantio nessas áreas, a arrecadação das cidades crescerá, já que o ICMS da borracha é bom."

INSUBSTITUÍVEL

Dono das empresas Planalto Paulista, onde planta, e Elastic, onde beneficia, ele confirma a abertura de mercado. "Só conseguimos produzir 30% do que consumimos e a borracha sintética, por mais que os cientistas tentem, jamais substituirá a natural". O material sintético, que existe desde os anos 20, cresceu com a Segunda Guerra, e começou a ser industrializada nos anos 50. Na década de 60 houve estabilização na produção e, nos anos 80, o consumo manteve a mesma média de há 20 anos.

A elasticidade da borracha natural jamais poderá ser substituída. Ela deve ser usada em todos os locais onde há vibrações e se exige material que absorva isso. Um pneu de caminhão pode ter 50% de borracha sintética, mas só terá qualidade se a outra metade for natural. Mais: as rodas de aviões têm 100% de borracha natural.

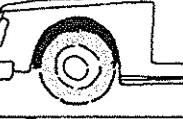
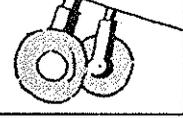
Putz aponta outros fatores para um crescimento ainda maior no plantio paulista e regiões próximas. Ele conta que, em 1990, a Bahia produziu nove mil toneladas, enquanto São Paulo não ultrapassou cinco mil. Os produtores baianos, porém, não plantam há cinco anos e, por isso, no próximo ano São Paulo ultrapassa aquele Estado, ainda o maior produtor brasileiro. ●

SERVIÇO

Carlos Procópio (Fazenda Seringal Paulista) - 0162. 38.1109
Ruy Novaes - (Borracha Paulista) - 0172 - 77.1149

Uso da borracha natural

Participação nos produtos

	Preservativos (até 100%)
	Luvas cirúrgicas (até 80%)
	Pneu comum (até 50%)
	Pneus de aviões (até 100%)
	Bico de mamadeira (até 70%)
	Autopeças (até 50%)